

HISTÓRIAS SOBRE PLANTAS E ANIMAIS: PODER E REPRESENTAÇÃO DO MUNDO NATURAL NA CONTÍSTICA DE DORIS LESSING

STORIES ABOUT PLANTS AND ANIMALS: POWER AND NATURAL WORLD REPRESENTATION IN DORIS LESSING'S SHORT STORIES

Manfred Rommel Pontes Viana Mourão ¹

ROR Universidade Federal do Ceará

manfred_rm@hotmail.com



RESUMO: Os estudos literários frequentemente se inspiraram no mundo natural e em teses naturalistas, apesar de, muitas vezes, não considerarem distinções óbvias entre elementos de realidades socioambientais diversas e ignorarem algumas questões relacionadas ao desenvolvimento do Capitalismo e do Imperialismo. As configurações naturais em nações africanas normalmente apontam para esses problemas, além de apresentarem espaços e tipos peculiares quando os comparamos à cultura ambiental do Ocidente. Este trabalho procura averiguar essas configurações, por meio da análise das categorias narradores(as) e personagens em alguns contos de Doris Lessing (1919 – 2013). Para isso, de início, buscamos situar a problemática da representação, do poder e da dialética natureza x cultura, seguida de uma leitura sobre o mundo natural em Greg Garrard (2004), Keith Thomas (1996), Jacques Derrida (2002), Jopi Nyman (2003) e Patricia Marion Louw (2003), entre outros. Procuramos mostrar, a partir desses e de outros autores, que a Ecocrítica, os Estudos Culturais e as teorias próximas desenvolvem um exame dos aspectos socioeconômicos, espaciais e culturais sobre a representação do mundo natural na literatura, que estão presentes de modo peculiar na contística africana analisada, tais como a descoberta, o refúgio, a misoginia, o racismo, a exploração, o instinto e a morte. Diante disso, sugerimos que alguns artifícios da autora desenham um universo que contrasta o mundo africano com o da Europa. Esses fatos redundam em contos que assinalam a relação íntima dos humanos com animais e plantas, em contraste com uma realidade socioambiental divergente e marcas como a subserviência, a dominação e a afeição.

PALAVRAS-CHAVE: Contos Africanos; Dominação; Doris Lessing; Imperialismo; Mundo natural.

ABSTRACT: Literary studies have often been inspired by the natural world and naturalist theses, although they frequently fail to consider obvious distinctions between elements of different socio-environmental realities and ignore some issues related to the development of Capitalism and Imperialism. Natural configurations in African nations often point to these problems, as well as presenting peculiar spaces and types when compared to the environmental culture of the West. This paper seeks to investigate these configurations by analyzing the categories of narrators and characters in some short stories by Doris Lessing (1919 - 2013). To do this, we begin by looking at the problem of representation, power and the dialectic between nature and culture, followed by a reading of the natural world in Greg Garrard (2004), Keith Thomas (1996), Jacques Derrida (2002), Jopi Nyman (2003) and Patricia Marion Louw (2003), among others. We try to show, based on these and other authors, that Ecocriticism, Cultural Studies and related theories develop an examination of the socio-economic, spatial and cultural aspects of the representation of the natural world in literature that are present in a peculiar way in the African short stories analyzed, such as discovery, refuge, misogyny, racism, exploitation, instinct and death. In view of this, we suggest that some of the author's devices create a universe that contrasts the African world with that of Europe. These facts result in tales that highlight the intimate relationship between humans and animals and plants, in contrast to a divergent socio-environmental reality and marks such as subservience, domination and affection.

KEYWORDS: African short stories; Domination; Doris Lessing; Imperialism; Natural world.

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 13, Nº. 25 (Dossiê Especial/2025)

Informações sobre os autores:

1 Doutor em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Ceará (2021). Possui Mestrado em Letras - Estudos Literários, pela Universidade Federal do Piauí (2015); Graduação em Letras - Licenciatura Plena, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2009) e Especialização em Língua Portuguesa e suas Literaturas (2012) pela mesma universidade.



10.29281/rd.v13i25.17614

Fluxo de trabalho

Recebido: 14/01/2025

Aceito: 26/02/2025

Publicado: 28/02/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



INTRODUÇÃO

A ideia de natureza, desde a Grécia antiga, pelo menos, costuma tomar essa categoria como mero utensílio do homem, o que redundou em uma cultura de exploração descabida do mundo animal e vegetal no decorrer de séculos. Perpassando contextos que intensificaram a legitimação, da época moderna à contemporânea, o homem frente aos bichos e plantas, na sua antropocia, subjugou não apenas a natureza, mas também aqueles que, além de precisarem dela, a defendiam ou a idolatravam.

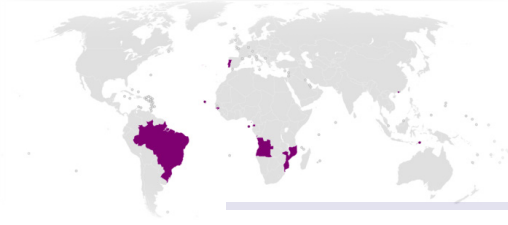
Essa concepção deve-se muito a uma forma de pensamento logocêntrica e imperialista, criada pelo homem desde o pensamento clássico, e que se solidificou com a filosofia moderna europeia e o advento do Capitalismo industrial no século XVIII. Antes do saque imperialista, nos territórios não europeus, o mundo natural tinha (e tem) significados muitas vezes associados a partes integrantes da vida do homem e não a mero acessório, adorno ou ferramenta. A colonização, nesse âmbito, dividiu o modo de pensar do mundo natural nesses territórios, devido ao contato com o ideário do homem europeu.

Nos contos de Doris Lessing, percebemos algumas dessas nuances, visto que a autora se encontrava em uma posição que, direta ou indiretamente, explicitava a antropocia e o Imperialismo britânico. Isso se evidencia em narradores(as) e personagens que são apresentados em sua contística entre dois mundos naturais: o modo “enlatado” britânico (herdado da família inglesa da escritora) e o modo “selvagem”¹ africano, continente onde viveu boa parte de sua vida.

Por meio de algumas discussões a respeito da ideia de natureza, colonização, imperialismo e suas conotações na literatura e representações na obra de Lessing, buscamos, com este trabalho, apresentar algumas das peculiaridades da submissão da mulher, do racismo e do meio ambiente na escrita de alguns dos contos da autora, que constantemente traz plantas e animais para suas histórias, bem como fatores socioculturais que perpassam os elementos representados.

Aliando teóricos da Ecocrítica e autores que ajustam seu pensamento à crítica sobre o mundo natural, tais como Lawrence Buell (1995), Keith Thomas (1996), Greg Garrard (2004) e outros que desenvolvem uma crítica de elementos contextuais pontuais em nossa análise, como Vladimir I. Lenin (2011), Mikhail M. Bakhtin e Valentin Volochínov (2006), Jopi Nyman (2003), Marie-José Chombart de Lauwe (1991), Patricia Marian Lowe (2003), Philippe Ariès (2012) etc, buscamos mostrar que a realidade socioambiental inscrita na Literatura precisa, no contexto contemporâneo, entender as condições naturais

¹ Essa designação não implica, no corpo de nosso texto, o tratamento moral de servilidade ou inferioridade de seres vivos em detrimento de outros, mas uma posição cultural demarcada em termos de desenvolvimento socioeconômico, em que se postula a fragilidade de traços tecnocientíficos e normas ligadas a isso. Pressupõe também a ausência de regulamento comportamental instaurada por esse ideário: “(*adjective*) not domesticated” [(*adjetivo*) não domesticado] (Colin, 2004, p. 225, tradução nossa)



e a cosmovisão próprias dos lugares/tempos e sujeitos representados, sobretudo quando estamos lidando com uma crítica ao Imperialismo e ao Eurocentrismo.

Analizamos, pois, cinco contos da autora em relevo, contidas em sua obra *The Sun Between Their Feet, vol 2* (1972), trazidas ao Brasil com o nome de *Sabores do Exílio* (1973). Desse modo, traçamos metodicamente, sob o escopo do Marxismo, da Ecocrítica e do Pós-colonialismo, alguns temas centrais acerca da natureza que perpassam também por categorias como gênero, classe e raça na obra de Lessing. Por meio do exame de sua contística, a qual ressaltamos a tensão entre a visão de natureza europeia e africana, seus desdobramentos filosóficos, sociológicos e estéticos, visamos a dar visibilidade a campos da crítica ainda pouco conhecidos e também divulgar a obra da autora aqui analisada, ainda pouco conhecida nos meios acadêmicos, sobretudo brasileiros.

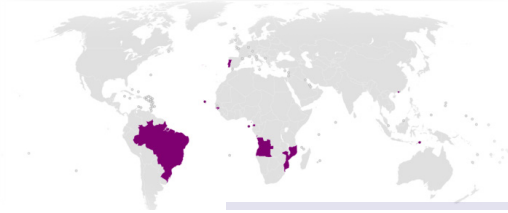
1 MÉTODO E CATEGORIAS: A DIALÉTICA NATUREZA X CULTURA NA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA

Lembrando uma conhecida proposição da Filosofia, pode-se dizer que é da natureza que o homem produz cultura e, por esse motivo, nessa intervenção, ele está ligado dialeticamente com o mundo natural. O homem é natureza e cultura. Logo, o exame do mundo cultural vê a natureza como elemento fundamental, visto que esta ocorre sob condições que se manifestam na vida dos homens, e vice-versa.²

Imbricados nisso, a linguagem e o poder são dois elementos cruciais para entender essa relação homem-natureza na esfera cultural. A primeira por ser o veículo de inter-relação entre os homens e, de modo distinto, entre os animais; o segundo por se tratar de uma condição comum tanto ao mundo animal quanto humano, determinante para saber as formas de interação e hierarquia que se manifestam entre humanos e natureza. Tendo em vista esses dois horizontes, fica claro que discutir o mundo natural tal como visto pelos homens implica entender: 1. A dialética homem x natureza; 2. A linguagem; e 3. Os jogos de poder, como elementos que determinam a realidade socioambiental e representam uma manifestação cultural própria do humano; e 4 a Literatura, que se utiliza da ecologia para também propor, por meio de uma forma específica de linguagem, a imagem que temos da natureza.

O homem que disserta sobre o mundo natural do seu modo. Ele o faz tendo em vista seus próprios princípios e determinações. Em suma, o homem age sobre a natureza segundo seus interesses e para se utilizar do mundo natural ao seu proveito, numa espécie de Imperialismo ecológico, conforme o postulado de Alfred W. Crosby (2011), por exemplo. Não obstante, Lenin (2011) afirmava que o Imperialismo era uma etapa de

² Para Marx e Engels (2007) existe uma relação dialética entre as práticas humanas (trabalho, cultura) e a natureza. O homem, ao transformar a natureza, transforma a si mesmo nesse processo.



expansão global do Capitalismo em direção ao monopólio que, de início, teve a colonização como primeira etapa, seguida da industrialização, até o próprio Imperialismo – a etapa superior. Sem dificuldades, compreende-se que a intensificação da transformação e do uso do mundo natural é consequência direta da acumulação primitiva do capital, para fins de controle dessa natureza e geração de riqueza para os homens.

Esse mundo natural figura na literatura como uma representação da realidade socioambiental, tal qual o conceito de *mímesis* propõe.³ Apesar de a Teoria Literária não apresentar um instrumental teórico que explique essa realidade já na consolidação dos seus estudos, muitos foram os autores e as vertentes da crítica que, já no século XIX, propunham estudos evolucionistas da relação da Literatura com a natureza, do determinismo, entre outros que ainda vigoram. No século XX, coube à Sociologia da Literatura e a alguns de seus primos mais novos, os Estudos Culturais, a Teoria Pós-colonial, a Geopoética, a Ecocrítica e outros aproximar a relação entre mundo e letra.

Para Bakhtin & Voloshinov (2006), consciência e linguagem são elementos dialéticos que ajudam a entender uma sociedade e as ideologias. Para os autores, é necessário partir da linguagem (os enunciados) e relacioná-los a fatores externos, que só têm razão de ser se pensados pela análise social. Na Literatura, esses signos são uma versão da linguagem relativamente distinta da linguagem cotidiana. A Ecocrítica entende que a análise de obras literárias (e produtos culturais de um modo geral) deve associar natureza e cultura. Faz isso pela relação entre linguagem e mundo natural em si. Ainda propõe duas grandes questões: 1. A sua interdisciplinaridade e metodologias flexíveis; e 2. O estudo da natureza entre o louvor e a crítica ambiental iniciada com mais afinco pelos Estudos Culturais.

Do primeiro, podemos notar uma herança idílica herdada de modelos românticos; da segunda, percebemos a crítica ao problema ambiental no século XX (a Ecocrítica nasce no mesmo período de debates climáticos e naturais em ascensão). Dessa perspectiva, podemos dizer que, embora seja comum e histórico o tratamento com relação ao idílio no campo, a grande preocupação recente dos estudos ambientais tende a ser a destruição e subjugação do meio natural e a crítica cultural por parte dos intelectuais que advogam essa teoria.

³ O conceito de *mímesis* possui múltiplas interpretações na história da Teoria Literária. Consideramos para o seguinte trabalho a teorização que foge do idealismo clássico e busca alicerçar realidade e criação, para além da ideia de espelho do real. Isto é, a representação da realidade não se dá de forma completamente unilateral, transplantando o mundo “real” para a estrutura do texto, mas por meio de uma tensão entre a composição literária, a subjetividade, as instituições por detrás da literatura e o controle do imaginário. (Costa Lima, 2007)

2 A REPRESENTAÇÃO E A SUBMISSÃO NATURAL

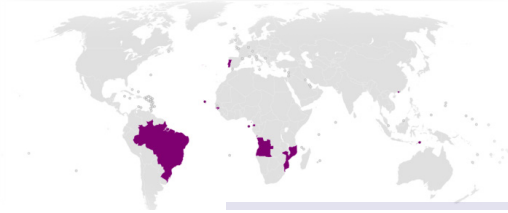
O mundo natural sempre foi objeto de representação literária, desde os primórdios da civilização humana, em sistemas escritos, mitos, contos tradicionais, épicos, fábulas, romances, poemas, entre outros. Embora seja possível perceber analogias aos animais como semelhantes aos humanos e, às vezes, até maior do que os seres humanos (alguns deuses em certas tradições), a representação do bicho, na grande maioria das vezes, era como objetos do homem ou símbolos para elucidar sua moral (fábulas), mantendo clara uma supremacia do humano em relação ao meio ambiente e aos animais. Em consonância com isso, Keith Thomas (1996) assegura que, além de ser objeto de exploração, a natureza também teria um sentido moral: alegorizar, por meio de alguns discursos, entre eles o literário (como nos contos de fada), preceitos de comportamento e pensamento ligados aos homens, como a própria questão do poder.

Podemos ilustrar isso analisando uma cena do derradeiro capítulo d'*O livro da Jangal* (1894), de Rudyard Kipling. É visível, neste capítulo, a representação do animal como uma alegoria da incivilidade para o Imperialismo. Nos trechos finais do livro, encerrada a conversa entre bichos em um celeiro do império britânico na Índia e um diálogo entre um oficial inglês e o Emir do Afeganistão sobre a disciplina imposta aos animais, os bichos cantam em coro sua subordinação: “Filhos do campo nós somos,/E a servir nós nos propomos.” (Kipling, 1999, p. 324).

Nesse clássico da literatura infantil, o livro ensina às crianças que os animais só têm algum valor se forem domados; e aqueles que não se adaptam às regras são tidos como selvagens. É óbvio também que, neste caso, o “poeta do Imperialismo” claramente metaforiza a sua perspectiva ideológica e estética, algo comum na Literatura de modo geral. Pois aí, também age a Ecocrítica: associar a representação literária com o mundo natural e a realidade social, a linguagem e o poder.

Ao situar a natureza representada dentro das obras literárias para além do idealismo, Greg Garrard (2004) foi um dos autores que revelaram panoramicamente, a partir de uma visão pós-moderna e culturalista, as teorias e práticas sociais disponíveis para retratar o mundo natural. Segundo o autor, a posição cientificista, retórica e ideológica dos primeiros críticos dessa teoria simplesmente reduziu o meio ambiente analisado na Literatura a uma espécie de disputa de posições, no seio da produção capitalista, em vez de propor equilíbrio e diálogo de tensões visíveis em diferentes lugares, épocas, posturas e práticas.

Para isso, o autor busca, em sua obra *Ecocriticism*, de 2004, mostrar o tensionamento entre a tendência inicial da representação natural, o “pastoralismo”; e a mais atual, o “apocalipse”, que arregimenta o discurso literário. Essas duas tendências oscilam entre a



“pureza” romântica e a “poluição” natural; também avalia como isso se manifesta dentro da Literatura e em outros campos do saber.

Tomando a relação entre pastoralismo e apocalipse literário, a reflexão que tem como base a própria realidade socioambiental nota temas da Literatura e cultura que simbolizam isso desde seus primórdios. Assim, temos dois lados para refletir sobre essa questão: 1. A natureza em si e suas contendas, principalmente no mundo moderno; e 2. A sua representação literária nas obras. Garrard, para isso, divide seu livro em algumas questões que figuram como “imagens” na Literatura e outros estudos: poluição (o ponto de virada e início das discussões sobre a relação pastoralismo x apocalipse), posições, pastoralidade, vida selvagem, apocalipse, habitação, animais e o futuro da terra.⁴

Em síntese, o que Garrard faz é apresentar um panorama que não defende exatamente uma perspectiva em específico (o que torna a orientação do livro um pouco confusa de acompanhar), mas uma multiplicidade de perspectivas que dão a tônica do seu argumento no decorrer da obra. Diante de um grande quadro que se apresenta sobre o mundo social e as teorias em torno do mesmo, que o próprio Garrard defende, buscamos uma análise do conjunto dos contos, a partir das ideias apresentadas pelo Marxismo, a Ecocrítica e o Pós-colonialismo, como já dito.

Estes campos de estudos têm um lugar comum: todos eles buscaram (ou buscam) entender as relações dos homens no quadro do Capitalismo, Colonialismo e Imperialismo modernos, a partir da luta de classes, da relação colonizador x colonizado, homem x animal e outras que são fundamentais para entender o aspecto do poder, devidamente comentado no início do presente artigo. Em suma, a questão do mundo natural, essencial para a compreensão da apropriação dos recursos pelo colonizador europeu e estadunidense, é algo que facilmente podemos esclarecer aqui, dada a interferência neste processo colonizador do mundo animal e vegetal das ex-colônias.

Assim sendo, situaremos adiante o mundo natural dentro da perspectiva da Ecocrítica e do Pós-colonialismo; o fundamento histórico do Imperialismo ecológico; a vida e obra da autora; a seleção dos contos e análise segundo os tópicos antes mencionados; e conclusões sobre o tratamento teórico acerca do objeto de estudo em questão.

4 O autor apresenta uma série de “posições” acerca do assunto, que tratam da relação entre a cornucópia (abundância) e o meio ambiente. Sobre o primeiro ponto, os cornucopianos defendem o uso abundante da natureza, mas advertem que o Capitalismo impede o desenvolvimento econômico e tecnológico dos países menos desenvolvidos; eles dispensam os valores não humanos em suas análises, fogem da questão natural. Já os ambientalistas defendem medidas ecológicas e sustentáveis (inclusive que já tiveram impactos significativos, como a redução de CFCs), mas ignoram a discussão econômica necessária ao próprio uso da natureza. A Ecologia Profunda defende de modo radical a preservação da natureza, em detrimento das aspirações humanas. Garrard destaca outras alternativas como o “ecofeminismo”, o “neo-marxismo” e o “ecoheideggerianismo”, pois são observadas questões específicas relevantes como a divisão natural por gênero, o uso sociológico adequado da economia política e a utilização individual.

3 EMBASAMENTO: O MUNDO NATURAL E A CRÍTICA AO EUROCENTRISMO

Em um dos mais importantes estudos acerca da nova formatação da cidade e do mundo natural a partir da revolução industrial, Keith Thomas (1996) argumenta que o espaço bucólico deu lugar a uma nova projeção de espaço no Ocidente, consolidando uma urbe que agora apontava para a dissolução de muitos traços feudais, descendentes da Idade Média e da configuração de mundo pré-capitalista.

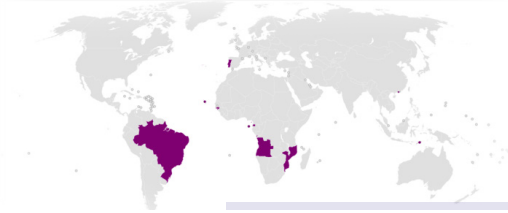
Segundo o autor, esse retrato da Europa andaria lado a lado com o formato das revoluções dos séculos XVII e XVIII, reformulando a sociedade segundo o paradigma do progresso instituído na época. Nesse compasso, ao mundo de configurações majoritariamente naturais seria relegado um plano subalterno, atrasado em termos de civilização, motivo de idílio romântico e saudosismo por alguns entusiastas do mundo campestre.

Essa visão de mundo, desenvolvida na Europa do apogeu iluminista, retrata claramente uma ruptura das relações humanas com a natureza, que são assinaladas por um discurso que advém dos primórdios da civilização Ocidental, sancionando um novo espaço de aventura humana, de sofisticação tecnológica e aglomeração, reduzindo a quase pó os espaços ainda eminentemente naturais. É a época do antropoceno.

Muitas colônias europeias, neste âmbito, tiveram de se modernizar para atender à exploração de matérias primas, uma vez que sua forma de organização era tida como inferior e obsoleta, sobretudo em função dos povos e espaços “não civilizados” ali encontrados que precisavam se adequar ao novo paradigma do capitalismo a partir do século XVIII. No entanto, esses mesmos povos ainda mantinham uma forte relação com a natureza, muitas vezes ressaltada por deuses e crenças, fontes permanentes de recursos.

Pode-se observar disso que a ruptura com o mundo natural não aconteceu de forma efetiva total ainda no contexto de África do século XX (embora esse fosse o projeto do capitalismo), restando muitas áreas, sobretudo nos espaços periféricos da geografia mundial, uma oscilação entre a próspera cidade e o sentimento telúrico de muitos por suas terras. Ademais, parece, como Thomas (1996) propõe, que a nova configuração não foi de toda empreendida, sendo, em muitas ocasiões, apenas um recurso impositivo, frente à ascensão do capitalismo em organizar os espaços, inclusive o das colônias, para que estes suprissem a necessidade de produção do mundo industrial europeu.

Thomas (1996) assinala que uma série de discursos, de caráter logocêntrico e imperialista, baseados na crença catequista cristã, na filosofia reinante nos séculos XVII e XVIII e do liberalismo parasitário principalmente, enfatizava a reorganização dos espaços naturais para melhor assimilarem o fluxo irreversível do progresso. Para muitos defensores desses ideais, a história é mutável e dinâmica e deve seguir as motivações de



sua época para se organizarem. Este ponto, contestável para muitos, acabou se tornando um discurso premente que acentuou a distinção entre sociedades e homens civilizados e as categorias negativas, e deixou às culturas não-europeias o estigma de atrasadas, bárbaras e inferiores.

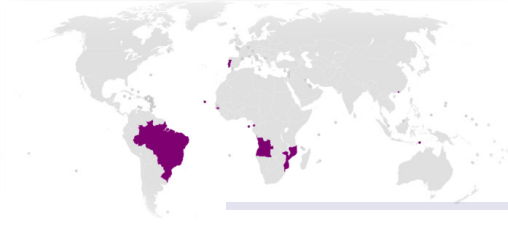
A discussão da incivilidade espontânea da natureza também pode ser reencontrada na crítica de Jacques Derrida (2002) sobre o binômio animal humano/animal não humano. Em ensaio de 1997, o filósofo afirma que a estrutura logocêntrica europeia cristalizou uma percepção de inferioridade dos animais não humanos, desprovidos de razão; esses seres deveriam, conforme apregoa o Gênesis, servir aos humanos como companheiros e comida. Segundo o filósofo franco-argelino, a salvação das espécies, encenada por Noé, tinha por objetivo apenas fazer dos bichos escravos do homem.

Como salientou um dos defensores da causa animal no século XX, Peter Singer (2004), o animal, na história do Ocidente, só foi favorável em apenas cinco aspectos: companhia, alimento, entretenimento, vestuário e experiências. Em seu livro-manifesto, Singer mostra a evolução desses aspectos, em números e situações assustadoras, acentuando o clímax da exploração animal no século XX.

Retomando Derrida, o autor lança uma série de observações a respeito de toda a tradição filosófica ocidental, de Descartes a Heidegger, na qual o animal foi usado para legitimar uma superioridade do homem sobre aquele, em termos que são ao mesmo tempo homogêneos e preconceituosos. Diante disso, o autor mostra que a “ausência” de saber dos animais os reduz a um mero acessório segundo o logocentrismo, fazendo do mesmo um desvio do conhecimento racional. O autor chega mesmo a comparar este saber animal com a poesia: “o pensamento do animal, se pensamento houver, cabe à poesia, eis aí uma tese, e é disso que a filosofia, por excelência, teve de se privar. É a diferença entre um saber filosófico e um pensamento poético”. (Derrida, 2002, p. 15)

O que nos parece, tanto nas teses de Thomas quanto nas de Derrida, é que o pensamento ocidental estabeleceu incontestavelmente a total dominação da natureza pelo homem, sendo aquela apenas uma mera serviçal dos interesses deste. Não é de espantar que os *Animal Studies* tenham surgido exatamente de um desdobramento dos *Cultural Studies*, que focam na crítica ao modelo sancionado pela metafísica ocidental.

Os Estudos Culturais tornaram-se comuns entre os cursos de Literatura desde meados do século XX; e a Ecocrítica – se assim estamos autorizados a chamar o estudo das representações animais – valeu-se igualmente da literatura para tratar de alguns pontos significativos dessa categoria terráquea. Nesse âmbito, cabe apresentar como esses estudos podem ser utilizados em textos literários, em específico na obra de Lessing, considerando antecipadamente uma longa tradição de obras em que os animais são elementos e frequentemente são apresentados como subservientes em relação ao homem.



Cumprе lembrar uma análise pertinente aqui, em que Konrad Lorenz (2002), ao procurar desvelar em seu livro os traços comportamentais dos animais, traz à baila a psicologia ocidental, seus desígnios econômicos e o homem como rastro simbólico para inferir no âmbito da natureza não ocidental. Garrard (2004) já tinha chamado a atenção para o fato de situarmos uma abrangência de conceitos, estudos e propostas a respeito da natureza que não se limitassem apenas ao universo do Centro do mundo, mas sua crítica resvala numa amplitude que carece, exatamente, de entendimento ampliado sobre outras realidades que não as ocidentais (Europa ocidental e EUA), uma vez que a degradação ambiental na América Latina, África ou Ásia, por exemplo, está infinitamente distante do que europeus e estadunidenses fizeram e continuam a fazer em seus espaços.

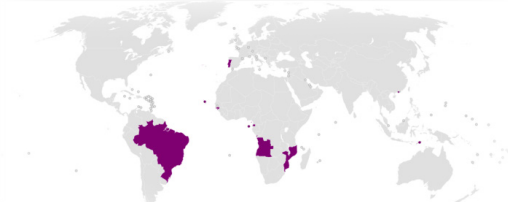
Os pontos de vista antes elencados, embora plurais, levam aos problemas da antropomorfização da natureza e sobretudo da submissão. Nesse sentido, a Literatura revela também a natureza como objeto de domínio e interesse do homem. Gostaríamos de nos focar como esses traços se desenvolvem dentro da obra de Lessing. No entanto, é relevante apresentar que a noção de natureza tem suas peculiaridades alteradas na medida em que as sociedades se desenvolvem e a depender dos espaços e culturas, como coloca Patricia Marion Louw (2003, p. 17), a selvageria (*wildness*) é “uma construção cultural, formada de acordo com as percepções das pessoas sobre o seu meio ambiente, que dependem, por sua vez, do seu contexto social, político, econômico e cultural.” (tradução nossa).⁵

Ao admitir que a natureza é um construto cultural, a autora desmembra a noção de que a natureza tem uma mesma funcionalidade em todos os lugares. Esse posicionamento pode ser revisto através da representação também animal, no livro de Jopi Nyman (2003), *The Postcolonial Animal Tale*. Nesta série de ensaios sobre escritores que lidaram com a problemática animal, percebemos uma gama de argumentos que mostram a relatividade com a qual os animais podem ser tratados, sobretudo em países colonizados. O argumento central mostra exatamente que o animal em territórios usurpados por colonizadores é tido frente aos ideais de exploração e supremacia do mundo ocidental em relação à periferia. Além disso, como pontua Thomas (1996), muitas culturas não ocidentais não percebiam a assimetria homem-animal, mas passaram a vê-la assim devido à colonização e influência europeia nesses territórios.

4 O MUNDO NATURAL EM CINCO CONTOS DE DORIS LESSING

Nos contos de Doris Lessing, podemos perceber alguns dos pontos antes visto em questões como o refúgio, a misoginia, a descoberta, a exploração e o instinto. Dito

⁵ No original: “a cultural construct, formed according to people’s perceptions of their environment, which are in turn dependent on their social, political, economic and cultural background.”



isso, a autora que analisamos, pela sua trajetória, ajuda a ler os contos, que trabalham constantemente alguns dos fatos vividos pela mesma, inserindo traços memorialísticos em sua obra. (Killan & Kerfoot, 2008, p. 168-169)

Natural da Pérsia, atual Irã, nascida em 1919 e filha de cidadãos da Inglaterra, onde foi morar a partir dos seis anos de idade, Lessing mudou-se, em 1925, para a Rodésia do Sul (atual Zimbábue), na época colônia britânica. A menina, desde cedo, viveu entre dois mundos: o africano, com o qual ela logo se familiarizou; e o britânico, já que os pais levavam uma vida eduardiana em uma decadente fazenda da colônia inglesa. Autodidata, passou a se envolver mais assiduamente com literatura e política nos anos 1940. Mudou-se para Londres, em 1945, e ali lançou seu primeiro romance *The Grass Is Singing (A Canção da Relva)*, em 1949 (Drabble, 2000, p. 588). Desde sua primeira experiência com a escrita, já se prenunciava uma autora afeita aos temas naturais.

Percebemos, logo no início de sua carreira como escritora, que os temas referentes à natureza são marcantes, pelo menos até a sua imersão no romance sufista – o que não fez, mesmo assim, com que a escritora abandonasse os temas acerca do meio ambiente. Ao contrário, estas obras levantavam questões acerca do destino da civilização humana frente aos perigos ambientais que o mundo passou durante o século XX (Drabble, 2000, p. 589). Pela análise de alguns de seus contos, percebemos algumas destas nuances.

O uso da terra é relatado de modo peculiar, não necessariamente segundo o modelo da industrialização no ambiente africano, ainda bastante bucólico. A ligação com animais e plantas e a sensibilidade vinda dos personagens, sobretudo crianças e adultos nativos, com o mundo natural, não se desenvolve completamente distinta dos modelos ocidentais, mas tem traços próprios. Em alguns momentos se coadunam ao ponto de vista europeu e capitalista, já em outros mostra-se completamente diferente.

Selecionamos 5 contos para explicar essas questões. O fizemos a partir de uma leitura prévia da obra analisada e da delimitação de questões que se fazem pertinentes para elucidar o mundo natural representado. Pesa considerar, nestes textos, elementos, como a submissão de raça, gênero e lugar, bem como a ligação destes pontos com o Imperialismo, fase superior do Capitalismo.

O primeiro dos contos analisados é “O porco” (*The pig*, no original).⁶ Trata-se de uma narrativa sobre um fazendeiro de nome Jonas, que preza pela sua honra como marido e administra uma plantação. Com relação ao primeiro fato, fica evidente o modelo patriarcal vigente, e que o fazendeiro impõe a suas esposas. Isso também implica uma relação de honra ou moral no decorrer do conto.

Nesta história, a plantação aponta para a supremacia, num primeiro nível, do homem frente à natureza e, num segundo, do homem em relação à mulher (também relação

⁶ Referenciamos o título do original em parênteses logo após o título do conto em português. Também usamos no corpo do texto a tradução em português e nas notas de rodapé o trecho no original.

humana), o que estabelece as prerrogativas da exploração da natureza e a alegorização da dominação masculina, que pode ser lida como dominação de um modo geral.

Nesse conto, vemos encenado, pelo personagem, o cuidado da lavoura, ameaçada pelos porcos e outras pragas. Isso pode ser pensado como um traço simbólico que, em contraste com o adultério de sua mulher mais jovem, leva-nos à crença de que a ameaça do porco e outras pragas à sua lavoura se coaduna com a ameaça que um rapaz (vilipendiado pelo fazendeiro) passa a exercer quando este se aproxima de sua mulher e domínio. Impotência e traição se confundem: “Estava doente e atormentado, isolado de seus amigos, que se preparavam para passar a noite junto às fogueiras, porque podia ver nos olhos deles que sabiam que ele era traído.” (Lessing, 1973, p. 62)⁷

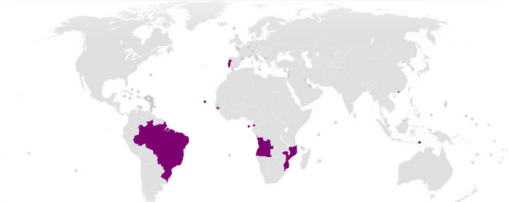
Nos dois casos, percebemos a impotência diante da natureza, primeiro, dos animais que ameaçam sua plantação, e depois pela libido de sua mulher e do jovem que a corteja. A única alternativa a essas suspeitas é a violência, contra o animal ou o rapaz, alegorias da supremacia humano-masculina frente ao binômio mulher-animal. A história se encaminha para o assassinato do rapaz:

E ao pensar no rapaz, outra cena se insinuou em sua mente, repetidas vezes – a de um antílope novo que abatera no ano anterior, jazendo macio aos seus pés, ou projetando a língua para fora, sobre a poeira, quando o ergueu, morto tão recentemente que imaginou sentir seu sangue ainda pulsando sob a pele quente. E do pequeno lugar molhado logo abaixo do pescoço do animal, algumas gotas pegajosas rolaram sobre o pêlo brilhante. De repente, enquanto permanecia ali, pensando no sangue e no flácido corpo morto do antílope, e no rapaz rindo com sua mulher, sua mente tornou-se clara e fria e a opressão que o incomodara cessou. (Lessing, 1973, p. 63)⁸

Embora o homem, nessa cena, desencadeie uma metamorfose de suas opiniões, da ameaça que o rapaz representa à piedade daquele ser a esmo, Jonas acaba levando a cabo a sua empreitada, que culmina com o abatimento de um porco, confundido com o rapaz. Articulado o patriarcado em um ambiente como a África, Lessing mostra os traços desse mesmo na subjugação feminina e a relação de poder que o homem, tendo em mente uma sociedade logofalocêntrica, mantém também com a natureza. Sendo a mulher, nesse contexto, apenas uma propriedade de Jonas, ela se assemelha à sua plantação. O animal e

⁷ No original: “He was sick and tormented, to cut off from his friends who were preparing for an evening by the fires, because he could see the knowledge of his betrayal in their eyes.” (Lessing, 2012, posição 1049)

⁸ No original: “And as he thought of the young man another picture crept into his mind again and again, that of a young waterhuck he had shot last year, lying soft at his feet, its tongue slipping out into the dust as he picked it up, so newly dead that he imagined he felt the blood still pulsing under the warm skin. And from the small wet place under its neck a few sticky drops rolled over glistening fur. Suddenly, as he stood there thinking of the blood, and the limp body of the buck, and the young man laughing with his wife, his mind grew clear and cool and the oppression on him lifted.” (Lessing, 2012, posições 1071 e 1075)



a mulher, meros objetos de uso do fazendeiro, são pensados como domínios masculinos-humanos e não como seres do mundo natural, em que se insere o próprio homem.

Em “Um ataque fraco de gafanhotos” (*A mild attack of locuts*, no original), vemos essa relação de dominação e descontrole sobre a natureza mais uma vez. Em síntese, temos narrado o ataque de gafanhotos a uma fazenda e as tentativas fracassadas de conter a nuvem por parte de seus proprietários. Nele, certas cenas peculiares propõem: 1. A incapacidade de conter as forças da natureza; 2. a ligação com os bichos austeros, contrapondo-se à tese de que, no mundo natural, animais não são inimigos do homem. Em contraste, estes fatos apontam para estratégias narrativas que procuram elucidar a utilização dos recursos naturais por todos os animais como necessidades, incluindo aí os humanos, é claro.

A narrativa representa isso em cenas nas quais visualizamos o apreço de um dos fazendeiros aos gafanhotos, compreendendo o sacrifício dos gafanhotos que atacam a lavoura pela justificativa de dar continuidade à espécie. O conto relata a ligação natural dos elementos do meio ambiente em sintonia, entre eles a busca por alimentos e a procriação, aos quais o próprio homem está sujeito e se identifica. Um episódio, em especial, a ser comentado dessa história é quando Stephen, um velho, ajuda um gafanhoto a salvar-se do conflito:

E então, embora estivesse lutando com gafanhotos, esmagando gafanhotos, gritando com gafanhotos, varrendo-os em grandes montes para as fogueiras, a fim de queimá-los, durante as últimas três horas, levou aquele entretanto, até a porta e cuidadosamente atirou-o para fora, para que se juntasse aos seus companheiros, como se preferisse não tocar num só fio de cabelo dele. Isto confortou Margaret que imediatamente sentiu-se alegre, de uma maneira irracional. Lembrou-se de que não era a primeira vez, nos últimos três anos, que os homens haviam anunciado a ruína definitiva e irremediável. (Lessing, 1973, p. 95)⁹

A consciência da ligação com os animais parece evidente nessa cena, na qual os vemos tratados, no meio de uma guerra contra os insetos, como semelhantes. Os traços dos gafanhotos e da natureza, de um modo geral, são análogos aos do homem nesse momento de epifania: dar vida aos mais novos; alimentar; refazer e reutilizar; a imagem da chuva revivendo as plantas, entre outros.

Ao final, após o ataque, aqueles que presenciaram o acontecido nutrem esperança de dias melhores, apesar da resignação frente às probabilidades: “Mas esperavam que chovesse logo, para um pouco de capim novo brotar, do contrário o gado morreria – não

⁹ No original: “Then, although he had been fighting locusts, squashing locusts, yelling at locusts, sweeping them in great mounds into the fires to burn for the last three hours, nevertheless he took this one to door, and carefully threw it out to join its fellows as if he would rather not harm a hair of its head. This comforted Margaret, all at once she felt irrationally cheered. She remembered it was not the first time in the last three years the men had announced their final and irremediable ruin.” (Lessing, 2012, posições 1675 e 1680)

sobrara uma só folha de capim na fazenda. Quanto à Margaret, tentava acostumar-se com a idéia de mais três ou quatro anos com gafanhotos.” (Lessing, 1973, p. 98)¹⁰

Os personagens são trazidos para dentro de um contexto em que o confronto com a natureza é inútil, pois o ataque nada mais é do que a evidência explícita de um ato legitimamente natural, em vez de uma atitude selvagem dos bichos. Ademais, os fatos descritos ou subentendidos pela narrativa elucidam a animalidade dos gafanhotos e outros animais como similares às do homem.

Contrariando a percepção de uma rispidez ou selvageria “wildness” (Louw, 2003), eles são pensados como seres da mesma natureza que a nossa, em sua “luta” pela sobrevivência. Ainda assim, em seus momentos mais sensíveis, a história nos ensina lições sobre o respeito com a vida em toda a sua amplitude.

A respeito da intervenção do progresso capitalista e imperialista no mundo africano, o conto “Sabores do Exílio” (*Flavours of exile*, no original) articula isso por meio da dicotomia civilidade ocidental *versus* incivilidade não ocidental. Tal diferenciação é perceptível na oposição cultural entre mãe e filha na história: a primeira, marcada por estereótipos ingleses, assinala frequentemente a supremacia dos alimentos enlatados britânicos em detrimento dos frutos naturais locais, que representam a segunda, além de servirem de metáfora para os sabores “exilados” de África e outras questões atinentes ao colonialismo dentro do território do sul do continente sob domínio britânico.

Assim, vemos contrastadas as “maravilhas da civilização”, que tornaram possíveis à mãe encontrar “groselhas em lata na loja grega da estação” (Lessing, 1973, p. 100)¹¹ para fazer uma torta, ao passo que, a partir da visão da menina, isso é criticado ou mesmo ridicularizado.

No decorrer da trama, em um jantar compartilhado com conhecidos, os MacGregor, ingleses de Glasgow, chamam a atenção para a supremacia (provavelmente falsa) das frutas e legumes britânicos: “À mesa, os quatro adultos comeram os pequenos repolhos amargos e concordaram que o solo da África era incapaz de produzir alimentos com qualquer sabor” (Lessing, 1973, p. 100).¹²

Já na menina vemos encerrada uma marca telúrica e uma experiência real. Suas impressões acerca da natureza na África lhe chamam mais atenção. Isso é retratado pelo apreço que ela nutre por romanzeiras pouco frutíferas e esquecidas, que ela passa a auscultar até o fim das histórias.

¹⁰ No original: “But they hoped it would rain very soon, to spring some new grass, because the cattle would die otherwise – there was not a blade of grass left on the farm. As for Margareth, she was trying to get used to the idea of three or four years of locusts.” (Lessing, 2012, posições 1730 e 1735)

¹¹ No original: “marvels of civilization” e “a tin of gooseberries in the Greek store at the station”. (Lessing, 2012, posição 1763)

¹² No original: “At the table the four grown-ups ate the bitter little cabbages and agreed that the soil of Africa was unable to grow food that had any taste at all.” (Lessing, 2012, posição 1768)

A romã que brota de uma árvore esquelada oferece um contraponto ao sabor inglês, supostamente forte, coerente e civilizado. A despeito da negligência da mãe quanto às plantações africanas, a menina, que narra a história, demonstra sua admiração pelo fruto: “Olhei para a arvorezinha feia e pensei: romãs! Seios como romãs e uma barriga como um monte de trigo! As douradas romãs do sol, pensei... romãs como o vermelho do sangue.” (Lessing, 1973, p. 102)¹³

Semelhante ao amor que a menina nutre pela fruta é o amor que guarda para o filho dos MacGregor, William. Ela espera pacientemente uma romã amadurecer para oferecer-lha ao menino. Este, por sua vez, apresenta-se de modo pragmático, típico inglês, ao insultar o comportamento esquisito da menina que cultiva a romã insistentemente, mesmo diante da acentuação de uma situação adversa: o momento em que as formigas começam a destruir o fruto da romanzeira.

Vemos também encenado o deboche da mãe da menina quanto à empregada: “– Menina tola – disse ela, afinal. Foi até o telefone e falou: “– Sra. MacGregor essa minha filha... ela meteu na cabeça, sabe como são as crianças...” (Lessing, 1973, p. 104).¹⁴ Ao final do conto, o filho dos MacGregor, frente à atenção dedicada ao fruto encharcado por formigas, também se mostra austero:

A romã estava ali pendurada, cheia de formigas.

“Agora”, pensei, furiosa. “Estoura agora.”

Não houve som. O sol jorrava forte, quente e amarelo, puxando o cheiro dos capinzais. Havia também um leve odor azedo do suco fermentado da romã.

– Está estragada – disse William, com aquela voz de insatisfação e raiva.

– E para que é esse pedaço de atadura suja?

– Estava quebrando, o galho estava quebrando, eu o amarrei.

– Louca – ele comentou, de parte, dirigindo-se à tarde. – Completamente louca.

Examinava o capim. Abaixou-se e pegou uma vara.

– Não – gritei, enquanto ele batia na árvore.

A romã voou pelo espaço e explodiu, espalhando sementes escarlates, suco fermentado e formigas negras. (Lessing, 1973, p. 105)¹⁵

13 No original: “I looked at the ugly little tree and thought Pomegranates! Breasts like pomegranates and a belly like a heap of wheat! The golden pomegranates of the sun, I thought... Pomegranates like the red of blood.” (Lessing, 2012, posição 1799)

14 No original: “Mrs MacGregor, this daughter of mine, she’s got it into her head – you know how children are.” (Lessing, 2012, posição 1844)

15 No original: “The pomegranate hung there, swarming with ants.

Now, I thought wildly. Now – cack now.

There was not a sound. The sun pouring down, hot and yellow, drawing up the smell of the grasses. There was, too, a faint sour smell from the fermenting juice of the pomegranate.

‘It’s bad,’ said William, in that uncomfortable, angry voice. ‘And what’s that bit of dirty rag for?’

‘It was breaking, the twig was breaking off – I tied it up.’

‘Mad,’ he remarked, aside, to the afternoon. ‘Quite mad,’ He was looking about him in the grass. He reached down and picked up a stick.

‘No,’ I cried out, as he hit at the tree. The pomegranate flew into the air and exploded in a scatter of crimson seeds, fermenting juice and black ants.” (Lessing, 2012, posições 1858, 1863 e 1868)

Ao derrubar a romã e estilhaçá-la ao chão, quebra-se a aura que o fruto dá à menina, tornando a sensibilidade da mesma algo inócuo de sentido diante da supremacia pragmática da razão das coisas. Para William, não fazia sentido algum cultivar uma romã brotando de uma árvore cadavérica, atacada por formigas; contrapondo-se à sensibilidade da menina, o menino inglês é categórico e lógico: “– Ora, estava estragada, cheia de formigas. Devia ter sido colhida antes.” (Lessing, 1973, p. 106)¹⁶

O conto “Plantas e moças” (*Plants and girls*, no original) nos apresenta Frederick, um jovem excessivamente introspectivo, e sua relação com sua mãe, uma árvore e uma moça. Nessa história, vemos a intimidade do menino, completamente distinta dos demais retratados, marcado por uma série de características incomuns: “Ele fez a mãe trazer um médico para examinar o menino. Foi a partir daquele período que Frederick aceitou as palavras ‘não é normal’ como sua herança. Ele não era normal; ora, aceitava isso.” (Lessing, 1973, p. 131)¹⁷

Ele desaprova regras e normas, o pensamento lógico e outras etiquetas sociais, voltando-se para uma vida interior e isolada, em que frequentemente divagava sobre a árvore, a moça e sua mãe. Como percebemos em um momento do conto, ao ser interpelado por uma jovem a respeito do casamento: “A palavra casamento deixava-o com vontade de rir. Era ridículo. Mas para ela, nada havia de ridículo naquilo. Em sua casa, rapazes e moças se casavam e sempre havia festas, amor, novos bebês.” (Lessing, 1973, p. 134)¹⁸

O casamento, fato social comum no Ocidente, é ignorado pelo menino é visto como algo sem sentido e indiferente. Comportando-se como um completo marginalizado, ele acaba encontrando em uma planta que costuma visitar desde criança um espelho de si: a aversão à razão e às normas o condiciona a certa instintividade, que a planta lhe proporciona na contramão disso, em sua desrazão e silêncio, que lhe são tão caros.

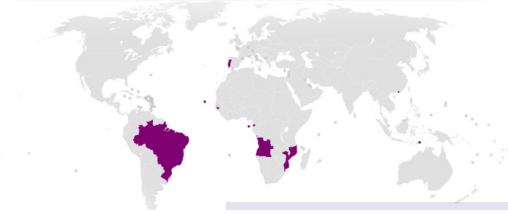
A mesma narrativa naturaliza a morte, anteposto ao luto e aos rituais do mundo Ocidental. Como propõe Philippe Ariès (2012), o fim da vida foi culturalizado e ritualizado a partir do século XVIII, no opúsculo das normas sociais da vida burguesa e do pensamento iluminista. Segundo o mesmo autor, a morte era vista como algo familiar, quase domesticado e comum no mundo medieval, passando a ser visto como algo maldito e indesejado a partir do século em questão.

No conto, o que se percebe é o reverso do ritual moderno. Admitindo que o fim da vida humana, como das plantas e animais, é algo natural, cíclico e incompreensível, o

16 No original: “‘It was bad, after all, the ants had got at it. It should have been picked before.’” (Lessing, 2012, posição 1874)

17 No original: “He made the mother fetch a doctor to examine the boy. It was from this time that Frederick took the words ‘not normal’ as his inheritance. He was not normal; well, he accepted it.” (Lessing, 2012, posições 2321 e 2325)

18 No original: “The word marriage made him want to laugh. It was ridiculous. But to her there was nothing ridiculous in it. In her home, marriages took place between boys and girls, and there were always festivals and love-making and new babies.” (Lessing, 2012, posição 2383)



menino associa a planta, indistintamente, ao cadáver de sua mãe morta. Posteriormente, também faz isso com a moça, sua única amiga, desfalecida, morta em seus braços, ao fim da história. A naturalização da morte é notável.

Ele percebe a vitalidade da vida na moça já esmorecida em um processo de analogia à própria natureza: “– Seu cabelo, suas folhas, seus ramos, seus rios.” (Lessing, 1973, p. 138).¹⁹ O cabelo, parte da anatomia humana, associado aos elementos de transição ou passagem da natureza (folhas, ramos, rios) criam uma relação de semelhança entre a menina (espécie humana) e os demais elementos naturais: todos eles passageiros, em constante morte e modificação.²⁰ Trocando em miúdos, a sua relação com a morte é tida como natural, sem a carga semântica do luto convencional.

O conto “História de dois cachorros” (*The story of two dogs*, no original) toca em diversos pontos do especismo e do racismo, ao relatar, a partir da relação com animais domésticos e outros homens, a ideia de inferioridade dos animais e alguns homens em função de sua raça ou habilidades. Além disso, ao apresentar uma crítica ao pensamento determinista, a narrativa explora as ideias de superioridade entre as raças de animais e homens; como também expõe a forma injusta pela qual se pode “salvar” seres supostamente inferiores, por meio da técnica conhecida como domesticação, e que, no caso humano, conhecemos como escravidão.

No decorrer da trama, os cães são vistos como positivos apenas quando são de boa raça ou se podem servir aos interesses dos homens. O conto estigmatiza a raça animal, bem como o vê como mero utensílio dos humanos. São inúmeras as associações dos animais de “sangue ruim”, qualificados assim simplesmente por não atenderem às necessidades biológicas que os homens julgam que eles deveriam ter. É o que acontece quando a família de uma menina resolve adotar um filhote de cachorro vira-latas de vizinhos: “Era sangue ruim, disseram, não adiantava preservá-lo, só tinham poupado aquele único filho por piedade.” (Lessing, 1973, p. 155)²¹

Suspeitamos que Lessing usa este elemento também com o intuito de desvelar traços do próprio racismo, ao mostrar certas comparações entre raças por meio da associação animal e humana: “Então, os dois repreenderam Stella, que no devido tempo pariu sete cachorrinhos, em todas as combinações de negro, marrom e dourado. Ela própria não era

19 No original: ““Your hair, your leaves, your branches, your rivers.”” (Lessing, 2012, posição 2473)

20 Segundo Alain Chevalier e Alain Gheerbrant (2023), o rio está associado a algumas imagens literárias frequentes em diferentes tradições literárias e culturais mundo afora: fluidez, fertilidade, morte, renovação, purificação, travessia, existência efêmera. As imagens construídas pelo rio e sua interligação com a vida das pessoas também costumam construir uma alegoria do passado, em que pesa os elementos de existência e efemeridade.

21 No original: “It was bad blood, no point in preserving it, they had only left her that one child out of pity.” (Lessing, 2012, posição 2771)

de raça pura, embora, claro, seus donos achassem que sim, ou que devia ser, sendo deles.” (Lessing, 1973, p. 155)²²

A respeito da domesticação animal, os cachorros deste conto só têm utilidade se tiverem em suas sãs consciências, forem objetos de entretenimento ou animais de guarda. Em decorrência destes fatos, o cão desprovido destes atributos é rechaçado de um modo geral, estigmatizado, devido a sua incapacidade de ser útil ao homem: “Com muitas esperançosas recomendações de minha mãe, no sentido de que deviam ser ‘bons cachorros’: o que significava que precisavam ignorar suas verdadeiras naturezas, e dormir do pôr-do-sol ao amanhecer.” (Lessing, 1973, p. 158)²³

Adiante, através de treinamento, enfim eles se tornam selvagens e passam a ser benquistos entre os seus proprietários, pelo menos até o momento em que ainda são saudáveis e controláveis. Ao fim do conto, quando os animais estão velhos, machucados e já não obedecem mais regras, eles perdem a sua utilidade e são sacrificados. O enfoque narrativo a esse desprezo conduz toda a história.

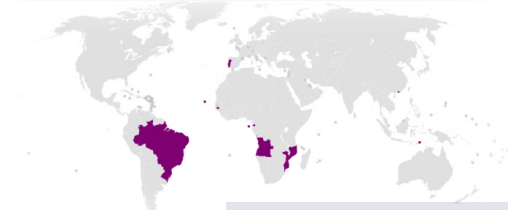
Feitas essas considerações, podemos dizer que os narradores(as) de Lessing buscam coadunar realidades opostas quanto ao tratamento animal. Verifica-se pragmatismo, razão instrumental e superioridade no tratamento não somente do animal e das plantas, mas entre os próprios seres humanos. Isto se coloca no contexto em que a autora se encontra, entre África e Europa. Também reflete a realidade de questões ambientais e humanas no quadro das imagens do Capitalismo e sua representação literária. Por fim, salienta as distinções entre realidades diversas em alguns pontos, com foco para os preconceitos ingleses sobre a natureza, as mulheres, os alimentos, os grupos humanos e o continente africano de modo geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale considerar rapidamente a crítica que Terry Gifford (2009) faz à Ecocrítica e mesmo aos Estudos Culturais de modo geral: a falta de leituras abrangentes que de fato dissociem ou diferenciem as necessidades ambientais de casos específicos ao redor do mundo. A obra aparentemente abrangente de Garrard (2004), por exemplo, dedica-se a análises muito específicas da América do Norte e da Europa ocidental, incluindo aí teorias, obras e autores exclusivos desses contextos. Na contramão deste postulado, e seguindo uma perspectiva diversa dessa, buscamos evidenciar características que expõem as particularidades da vida e obra de Lessing, e os signos naturais presentes em seus contos.

²² No original: “Then they both scolded Stella who in due time produced seven puppies, in all combinations of black, brown and gold. She was no purebred herself, though of course her owners thought she was, or ought to be, being their dog.” (Lessing, 2012, posição 2762)

²³ No original: “With many hopeful injunctions from my mother that they were to be ‘good dogs’: which meant that they should ignore their real natures and sleep from sundown to sun-up.” (Lessing, 2012, posição 2837)



Os elementos narradores(as) nos contos de Lessing enxergam os eventos transcorridos de forma sensível e atenta, apontando, na autodiegese das narradoras, uma sensibilidade que as aproxima da natureza; na heterodiegese, temos o retrato de tipos humanos e não-humanos em sintonia, mas demarcados pelo ideal de superioridade intelectual e racial. Já as personagens (algumas delas também narradoras) refletem um efeito duplo: estão divididas entre serem exploradas e fazerem parte do mundo natural.

Averiguando os traços dos contos, grosso modo, percebemos que aqueles que se identificam com o mundo natural estão numa zona de impotência e subserviência: normalmente são crianças, meninas e pessoas com deficiência, impotentes frente aos fatos que acompanham ora com piedade ora com naturalidade. Em cada um destes contos, o homem, branco, adulto, burguês e racional é ser ativo, estabelecedor de regras; e tem como epíteto, na maioria dos casos, a exploração. As personagens periféricas (crianças, animais, mulheres, pessoas com deficiência), encerram uma oposição, ora lutando contra a hierarquia ora se resignando a ela.

Ao final, parece que resta a impotência, a indulgência e a culpa por parte das personagens periféricas, que relatam e divagam a respeito da supremacia do homem, este ser tão natural quanto os demais, que inventa suas próprias regras de proeminência frente aos bichos e aos próprios humanos. Os contos também demarcam uma resistência, em ações sutis mas emblemáticas, contra os valores de imposição; nos levando a crer que é possível uma permissividade entre humanos e homens e animais. Contudo, fica claro para a contista que isso só é possível em oposição ao Capitalismo e à razão ocidental.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BAKHTIN, Mikhail & VOLOCHÍNOV, Valentin N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BUELL, Lawrence. **The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture**. Cambridge: Mass, 1995.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2023.

CHOMBART DE LAUWE, Marie-José. O meio natural e o simbolismo dos elementos. In: _____. **Um outro mundo: a infância**. São Paulo: EdUSP, 1991.

COLIN, Peter H. **Dictionary of Environment and Ecology**. London: Bloomsbury, 2004.

- COSTA LIMA, Luiz. **Trilogia do controle**: O controle do imaginário, Sociedade e discurso ficcional, O fingidor e o censor. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico**: a expansão ecológica da Europa, 900 - 1900. São Paulo Companhia das Letras, 2011.
- DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: EdUNESP, 2002.
- DRABBLE, Margaret. **The Oxford Companion to English Literature**. New York: Oxford University Press, 2000.
- GARRARD, Greg. **Ecocriticism**. New York: Routledge, 2004.
- GIFFORD, Terry. **A Ecocrítica na mira da crítica atual**. Terceira Margem. Rio de Janeiro, n. 20, pp. 244-261, 2009.
- KILLAN, Douglas & KERFOOT, Alicia L. **Student Encyclopedia of African Literature**. London: Greenwood Press, 2008.
- KIPLING, Rudyard. **O livro da Jângal**. São Paulo: Círculo do Livro, 1999.
- LÊNIN, Vladimir I. **Imperialismo**: etapa superior do capitalismo. Campinas SP: FE/ UNICAMP, 2011.
- LESSING, Doris. **Sabores do exílio**: segunda coletânea de contos africanos. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Record, 1973.
- LESSING, Doris. **The Sun Between Their Feet**: Collected African Stories, Vol 2. London: Fourth Estate, 2012. Livro eletrônico. 9129 posições.
- LORENZ, Konrad. **King Solomon's Ring**: New Light on Animal Ways. London: Routledge, 2002.
- LOUW, Patricia Marion. **'Wildness' in Doris Lessing's African Stories**. Zululand: Kwa-Dlangezwa, 2003. Master dissertation, pp. 130.
- MARX, Karl. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845 - 1846). São Paulo: Boitempo, 2007.
- NYMAN, Jopi. **Postcolonial Animal Tale**: from Kipling to Coetzee. New Delhi: Atlantic Publishers & Distributors, 2003.
- SINGER, Peter. **Libertação animal**. São Paulo: Lugano, 2004.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.